

SEGUINDO AS REDES DE BRUNO LATOUR: uma síntese da antropologia simétrica e da teoria do ator-rede

FOLLOWING THE BRUNO LATOUR NETWORKS: a synthesis of symmetrical anthropology and the actor-network theory

Renata Milanês¹

CPDA/UFRRJ: <https://orcid.org/0000-0003-1140-3684>

DOI: [10.21680/1982-1662.2021v4n31ID21470](https://doi.org/10.21680/1982-1662.2021v4n31ID21470)

Resumo

Este artigo faz parte de um esforço no sentido de compreender o pensamento de um dos autores mais importantes das Ciências Sociais na contemporaneidade: Bruno Latour. A partir de duas das suas obras referenciais (*Jamais fomos modernos* e *Reagregando o Social*), o presente artigo busca apresentar a linha teórica percorrida pelo autor francês e oferecer uma síntese da antropologia simétrica e da teoria do ator-rede. Com sua escrita hermética, abstrata, filosófica e, por vezes, difícil de compreender, Latour nos oferece uma lente inovadora no modo de se pensar sobre a forma como o conhecimento científico é construído, nos lançando, sobretudo o seguinte questionamento: Por que as Ciências Sociais são tão antropocêntricas? Tendo sido influenciado por Gabriel Tarde, a tese proposta por Latour nos oferece uma visão na qual as coisas e os não-humanos devem ser considerados nas análises científicas, pois também fazem parte do mundo social. Visando acabar com a oposição sujeito-objeto, ele propõe como saída a tentativa de superar o abismo entre homens e coisas, seres humanos e não humanos, sociedade e natureza e entre ciências humanas e

¹Doutora em Ciências Sociais em Desenvolvimento, Agricultura e Sociedade pela Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro.

E-mail: renatamilanes@hotmail.com

ciências naturais, através de um princípio de simetria, com igualdade de tratamento, dando importância aos híbridos e reconciliando a separação dicotômica entre sujeitos e objetos. Essa perspectiva passa a se apresentar à teoria social de uma maneira diferente e, sem dúvidas, balança as bases da antropologia moderna.

Palavras-chave: Teoria do Ator-Rede. Antropologia Simétrica. Humanos e Não Humanos. Bruno Latour.

Abstract:

This theoretical essay is part of an effort to understand the thinking of one of the most important authors of the social sciences in the contemporary times: Bruno Latour. Based on two of his main works (*We were never Modern* and *Reassembling the Social*), this article seeks to present the theoretical line of the French author and offer a synthesis of the symmetric anthropology and the actor-network theory. With its hermetic, abstract and philosophical writing, this author offers us an innovative lens in the way of thinking about how scientific knowledge is constructed by launching the following question: Why are the Social Sciences very anthropocentric? Having been influenced by Gabriel Tarde the thesis proposed by Latour offers us a vision in which things and nonhumans must be considered in scientific analysis, since they are also part of the social world. Aiming to end the subject-object opposition, he proposes as an solution, the attempt to overcome the abyss between men and things, human beings and nonhumans, society and nature and between social sciences and natural sciences, through a principle of symmetry, which seeks to explain nature and society with equal treatment, giving importance to the hybrids and reconciling the dichotomous separation between subjects and objects. This perspective comes to present itself to social theory in a different way and, without a doubt, shakes the foundations of modern anthropology.

Key words: Actor-Network Theory. Symmetric Anthropology. Human and Nonhuman. Bruno Latour.

Bruno Latour: o antropólogo das ciências

*“Uma formiga escrevendo para outras formigas,
eis o que condiz muito bem com meu projeto”.*
Latour (2012, p. 28)

Bruno Latour nasceu em 1947, na comuna de Baune, na França. De acordo com Queiroz e Melo (2008), ele é filho de um negociante de vinhos do interior da França, mas não seguiu o *métier* paterno e decidiu escolher estudar Filosofia e Antropologia na universidade. Após se formar, prestou serviço militar na África como encarregado de pesquisa, em 1973, a fim de realizar uma investigação em Sociologia do Desenvolvimento sobre a formação de trabalhadores de médio escalão em fábricas na Costa do Marfim. Durante os dois anos em que passou na Costa do Marfim, Latour se interessou pelas Ciências Sociais e, em especial, pela Antropologia, cogitando a possibilidade de transpor as mesmas categorias de análise para uma investigação similar num laboratório científico.

Sua ânsia de compreender o que fundamentava a verdade científica fez com que ele se mudasse para os Estados Unidos da América e começasse a fazer pesquisas em um laboratório onde se desenvolviam relevantes estudos na área da neuroendocrinologia. Como resultado deste trabalho, publica, em 1997, seu primeiro livro “A vida de Laboratório”, ao lado de Steeve Woolgar.

Sempre interessado pelas múltiplas conexões entre Sociologia, Antropologia, História e Filosofia, em 1987, publica a obra “Ciência em Ação” e também vários outros artigos sobre a inovação técnica. Sua curiosidade pelas questões de gestão e de organização da investigação científica, também o levou a publicação do livro “Jamais fomos modernos”, em 1991. Já no final dos anos 1990, Latour se dedica a analisar a Ecologia Política e sua filosofia, dando origem a duas obras que aprofundam os conceitos que desenvolve, são elas: “A Esperança de Pandora” e “Reagregando o Social”.

Ao lado de Michel Callon e John Law, Latour é considerado um dos fundadores dos Estudos Sociais da Ciência e Tecnologia (ESCT), tendo como principal contribuição teórica o desenvolvimento da *Actor-Network Theory* (ANT). Membro de várias academias, ele recebeu mais de vinte e cinco prêmios em sua carreira, escreveu e editou mais de quinze livros e publicou mais de cem artigos.

Apesar de trabalhar em diferentes áreas, Latour se define como “antropólogo das ciências”, tal como afirma em uma entrevista² concedida em 2004, aos pesquisadores brasileiros Renato Sztutman e Stelio Marras, na qual, ao falar da sua formação, demonstra como ele próprio é um “sujeito híbrido”. Nas suas palavras:

Sempre colaborei com os antropólogos, e de vez em quando gosto de me definir como um antropólogo das ciências. (...) Mas, ao mesmo tempo, aqui [na *École des Mines*], eu ensino sociologia. Minha formação é unicamente em filosofia, meus diplomas são em filosofia. Assim, os rótulos não são fáceis de estabelecer. Por outro lado, se definirmos pelo objeto, o único objeto que estudo é o que chamei, de início, de “objetos híbridos”, e que chamo agora de *matters of concern*, em oposição aos *matters of fact*. (...) Eu gosto dos antropólogos, gosto dos sociólogos (um pouco menos, talvez!), gosto dos filósofos (um pouco menos ainda!), e gosto muito dos *science studies*, este é o meu domínio, que, em parte, eu mesmo criei, juntamente com amigos, e o domínio de pertença é sempre importante. É nele que encontro os colegas mais queridos (LATOURE, 2004, p. 398).

De acordo com as informações do seu site³, Bruno Latour lecionou por muito tempo em escolas de engenharia, a exemplo da *École des Mines*, onde ingressou no Centro de Sociologia da Inovação, em 1982, assim como também deu aula em várias universidades no exterior. Atualmente ele é professor emérito associado ao médialab e ao programa de artes políticas (SPEAP) da *Sciences Po*, Paris. Desde janeiro de 2018, ele trabalha no *Zentrum für Kunst* (ZKM), sendo também curador, juntamente com Martin Guinard, das Zonas Críticas na ZKM e da Bienal de Arte de Taipei. Ele também conduz, ao lado de alunos da *Sciences Po* e de um consórcio de Universidades europeias, um projeto de mapeamento de controvérsias científicas, dando especial ênfase às controvérsias ambientais.

Do ponto de vista metodológico, tendo em vista a ampla dimensão e complexidade que o pensamento de Latour oferece, além de uma revisão bibliográfica de alguns estudiosos de sua obra, basicamente busco trabalhar neste artigo a partir de duas obras referenciais “Jamais fomos modernos” e “Reagregando o Social”, pretendendo abordar a sua teoria do ator-rede, relacionando-a com a antropologia simétrica e com o modo como o autor entende que deva ser feita a construção do pensamento científico nas Ciências Humanas. A proposta metodológica trazida aqui

² Entrevista obtida no link <http://www.brunodepiero.com/2013/10/bruno-latour-e-antropologia-do-centro.html> (Acesso em fevereiro de 2020)

³ <http://www.bruno-latour.fr/biography> (Acesso em junho de 2020)

trata de recortar o autor por ele mesmo, mostrando a influência de Gabriel Tarde nos seus escritos e também trazendo no texto algumas referências de comentadores e críticos do seu pensamento.

Por uma antropologia simétrica

Uma das questões mais importantes das contribuições teóricas de Latour é a ideia de que Natureza e Sociedade devem ser tratadas num mesmo plano e não de maneira assimétrica, tal como a Ciência tem feito ao longo dos anos. Para ele, a dicotomia entre essas duas esferas não faz sentido e essa separação é irrelevante para entender o mundo das interações. Este ponto de vista é defendido fortemente no seu livro “Jamais fomos modernos”, publicado em 1991, no qual Latour propõe uma tese que oferece uma lente inovadora ao modo de pensar sobre a forma como o conhecimento científico é construído. Em um sentido figurado, a leitura dessa obra exige que esqueçamos tudo que aprendemos, até então, para que “despidos” possamos entender como o autor constrói sua linha de raciocínio.

Através da investigação da Constituição Moderna, Latour (2013) defende a tese de que “nós nunca fomos modernos” e critica a separação entre o mundo natural e o social, provocada pela modernidade. De acordo com o autor: “a modernidade jamais começou. Jamais houve um mundo moderno” (LATOUR, 2013, p. 51). Convém, entretanto, pontuar que Latour não nega a modernidade enquanto um período histórico, mas o que ele questiona e diz que nunca existiu foi a adesão da Constituição Moderna, no que diz respeito ao seu fazer científico, que separa completamente o mundo natural e o mundo social.

Para este autor, a palavra “moderno” designa dois conjuntos de práticas totalmente diferentes, que para serem eficazes, devem permanecer distintas, mas que recentemente deixaram de sê-lo. Segundo ele, o primeiro conjunto de práticas, “cria, por tradução, misturas entre gêneros de seres completamente novos, híbridos de natureza e cultura”, e o outro “cria, por purificação, duas zonas ontológicas inteiramente distintas, a dos humanos, de um lado, e dos não-humanos do outro” (LATOUR, 2013, p. 16).

Para Latour (2013), a Constituição Moderna, articulada por Hobbes e Boyle, em meados do século XVII, pressupõe uma separação do reino das coisas em si (a natureza e os objetos), do reino dos homens entre si (a sociedade e a cultura). Dessa forma, a

modernidade na sua Constituição tem como meta a purificação da ciência, no sentido de que ela está pura porque não tem influência da política, ou dito de outra maneira, a modernidade separa e purifica o conhecimento científico do poder político. Sendo assim, o conhecimento científico estaria encarregado de representar as coisas ou os não-humanos (se limitando a ciências das coisas), enquanto o poder político trataria de representar os cidadãos ou os humanos (se limitando à política dos homens). Fato este, que leva o autor a afirmar que a modernidade separa tanto o objeto do sujeito, quanto a matéria das ideias.

De acordo com Queiroz e Melo (2008), Latour entender que essa separação das coisas (ciências) e a representação dos humanos (política) gera uma assimetria que explica a “verdade” com a Natureza e com o positivismo das Ciências Naturais, deixando por outro lado, o “erro” para o estudo das Ciências Sociais. Nesse sentido, como demonstram os autores, às “ciências duras” era dado o estatuto do exato e do verdadeiro, enquanto às “ciências moles”, destinava-se o erro, fazendo com que existisse assim, a separação de uma ciência para a natureza e uma ciência para estudar os humanos.

O fato de a ciência ser demasiadamente humanista é algo que sempre incomodou Latour, pois para ele, esse modo de organizar o conhecimento acabava gerando uma “não-humanidade da natureza”, como também uma “desnaturalização do social”. É por esse motivo que ele recusa fortemente as fronteiras e as dicotomias presentes em três pilares principais, que seriam as oposições entre 1) Ciências Naturais e Ciências Sociais, 2) entre humanos e não-humanos e 3) entre Natureza e Sociedade.

A discussão sobre estes referidos pares dicotômicos é fácil de ser encontrada em todas as suas obras. Além disso, é a partir de um manifesto pautado na recusa da bipolaridade destes três pilares, que o autor também constrói sua teoria e propõe novos argumentos para uma possível (re)construção das Ciências Sociais. Pois, para ele, diante de tantas separações e pares de oposições, que nos impedem de ter uma visão mais precisa do mundo à nossa volta: “nossa vida intelectual é decididamente mal construída” (LATOUR, 2013, p. 11).

Um exemplo que pode ser dado para facilitar o entendimento dessa questão é o do câncer (doença), que se partirmos do ponto de vista dos médicos, ou dos oncologistas, tendemos a considerá-lo como um fato natural e objetivo, como fazem

as Ciências Naturais, porém se tomarmos como ponto de vista às Ciências Sociais, podemos ver este fenômeno também como um fato social. No entanto, nunca tendemos a enxergá-lo como algo que pode ser as duas coisas ao mesmo tempo, perpassando ambas formas de conhecimento científico.

É diante desse contexto, que Latour (2013) propõe como saída a tentativa de superar esse abismo entre homens e coisas, entre sociedade e natureza e entre Ciências Sociais e Ciências Naturais, através de um princípio de simetria, que busca explicar natureza e sociedade com igualdade de tratamento e não como uma distinção bipolar e assimétrica. Para ele, nem a natureza, nem a sociedade constituem algo totalmente purificado, e também não são fenômenos que estão previamente dados, mas ao contrário, elas são resultado de trocas de propriedade entre elementos humanos e não-humanos, pois ambos estão interagindo o tempo todo. Tal constatação faz o antropólogo francês afirmar que “não existem nem culturas - diferentes ou universais - nem uma natureza universal. Existem naturezas-culturas, as quais constituem a única base possível para comparações” (LATOUR, 2013, p.102). Essas naturezas-culturas são ainda similares por “construírem ao mesmo tempo os seres humanos, divinos e não-humanos” (IBIDEM, p. 104).

Assim como apontam Queiroz e Melo (2008), as misturas que ocorrem incessantemente entre esses elementos, advêm da cena experimental que faz fluir as práticas de tradução (negadas pelos modernos), gerando novos laços sociais e redefinindo do que são constituídas a natureza e a sociedade. É por esse motivo que Latour (2013) aponta que a modernidade, ao invés de gerar a purificação e separação entre essas duas esferas, acaba misturando-as e criando híbridos. Ele chama esses híbridos de quase-objetos, “porque não ocupam nem a posição de objetos que a Constituição prevê para eles, nem a de sujeitos” (LATOUR, 2013, p. 54), ou seja, eles não pertencem à natureza, nem à sociedade, nem ao sujeito, e também não pertencem à linguagem. Outro exemplo que elucida bem e pode nos ajudar a entender melhor essa questão, é o da existência de baleias com chips, no qual temos uma fusão muito clara entre natureza e sociedade e a hibridez dessas duas esferas.

No entanto, Latour (2013) atenta para o fato de que o constante crescimento dos não-objetos e a proliferação de híbridos, acabou saturando e comprometendo o quadro institucional da modernidade. Por isso, ele defende a ideia de que, está mais do que na hora, de os modernos assumirem essa responsabilidade e reconhecerem que

essa falha no projeto principal da sua Constituição é a prova de que a modernidade nunca existiu na prática, pois ao invés de separar, ela hibridiza. Diante dessa constatação, duas soluções são possíveis para o autor: ou se reduz e se regula a proliferação de híbridos, ou se torna necessário uma democracia estendida às coisas e aos não-humanos. É nesse sentido que a perspectiva de Latour visa acolher os híbridos e encontrar um lugar para eles dentro das ciências, reconciliando assim a separação dicotômica entre objetos e sujeitos.

Para acabar com essa assimetria, Latour (2013) propõe então uma antropologia simétrica, que como o próprio nome diz, deve se preocupar com o tratamento simétrico dos procedimentos desenvolvidos pelas ciências, acompanhando, ao mesmo tempo, a atribuição de propriedades humanas e não-humanas. Essa antropologia, por sua vez, não precisa mais “limitar-se às culturas, já que as naturezas tornam-se igualmente passíveis de estudo” (LATOUR, 2013, p. 94). Para este autor, o objetivo do princípio de simetria não é apenas o de estabelecer a igualdade, mas também “o de gravar as diferenças, ou seja, no fim das contas, as assimetrias, e o de compreender os meios práticos que permitem aos coletivos dominarem outros coletivos” (LATOUR, 2013, p. 105).

Dessa forma, a antropologia simétrica deve buscar entender o tecido social inteiriço, visando ver os elementos juntos, sem separar ou dicotomizar, e tratando natureza e sociedade num mesmo plano sob a forma de naturezas-culturas, pois não há diferença em espécie entre elas. Latour (2013) argumenta que esse princípio de simetria generalizada faz com que a antropologia perca sua ligação exclusiva com as culturas, mas ganhe as naturezas, o que para ele tem um valor inestimável.

Todavia, partindo de uma leitura crítica das ideias citadas acima, Velho (2005, p. 299) pontua que “curiosamente, a insistência na distinção entre os regimes de enunciação tende, de certo modo, a lembrar mais a purificação moderna, que Latour renega, do que a mistura não-moderna, à qual procura se associar”. Esta contradição faz o antropólogo brasileiro se questionar se Latour não estaria levando muito a sério uma modernidade que “supostamente” nunca existiu:

Em Latour, o cientificismo é associado à modernidade, que ele renega. Aí também com certa ambiguidade, pois ora a modernidade surge como uma realidade presente e, mesmo, ameaçadora, ora “jamais fomos modernos”. Mas se jamais fomos modernos, por que tanta preocupação? Talvez aí igualmente se possa lançar mão da ideia de duplo-vínculo, mais positiva que a de ambiguidade: é como se o cão de Gregory

Bateson simultaneamente rosnasse e abanasse a cauda para a modernidade. Afinal, embora a definição de modernidade segundo Latour sirva bem a seus propósitos, sua operacionalidade tem como ponto de apoio a relação da Ciência com a sociedade e a problemática da pureza em contraposição à mistura, ao lado de outras dicotomias (como fato e valor, mundo e representação etc.). O que acontecerá se tiver dela, também, uma definição mais abrangente? Continuará a renegá-la? E como ficamos "nós", aqui embaixo, em relação à modernidade? Quem sabe se nos trópicos, onde sempre cultivamos as misturas, muito mais do que as purificações, podemos imaginar uma modernidade que, paradoxalmente, não realize uma ruptura em relação ao passado? (VELHO, 2005, p. 302)

Para Velho (2005, p. 306), pode ser que haja nisso tudo um excesso de separações, de regras e, uma aposta excessiva nas “Constituições como totalidades irretocáveis”. Sendo assim, na visão do autor brasileiro, “a importância de se constranger a modernidade não está no terreno da ciência, mas em nos aproximar das demais naturezas-culturas, em relação às quais sempre – inclusive na antropologia – nos consideramos superiores” (IBIDEM, p. 307). Isso implica dizer que se nós de fato estivermos interessados nos atores e nas suas respostas, sem enquadrá-los previamente em esquemas teóricos, é importante questionarmos, “até que ponto o não-moderno deles, em todos os casos, corresponde ao de Latour” (IBIDEM).

Bachur (2016, p. 2) também acredita que a antropologia simétrica “não é radicalmente simétrica como ela se apresenta”. Para ele a simetria de Latour é rompida em quatro ocasiões: em favor do discurso, em favor da técnica, em favor do social e contra o método etnográfico proposto pelo teórico da ANT. Na concepção de Bachur (IBIDEM, p. 5), o problema é que, ao longo da sua evolução teórica, Latour pressupõe o discurso “como mero enunciado textual, o social como *continuum* inerte e a técnica como mera maquinaria”. Portanto, em sua opinião, “é a tentativa de manter a todo custo o postulado da simetria que faz com que Latour recue de seus próprios avanços teóricos” (IBIDEM).

Reagregando o social através da teoria do ator-rede

Na obra “Jamais fomos modernos”, originalmente publicada em 1991, Latour já sinalizava o que viria a ser posteriormente a sua teoria do ator-rede, exposta mais detalhadamente no livro “Reagregando o Social”, publicado no final dos anos 90. Conforme já foi dito anteriormente, era bastante comum nos seus escritos, o incômodo que o autor sentia com determinadas questões, dicotomias e dualismos

presentes na forma da construção do conhecimento das Ciências Sociais.

Ao desenvolver os Estudos Sociais da Ciência e da Tecnologia, ao lado de Michel Callon e John Law, Latour não hesitava em afirmar que, diferentemente dos modernos ou dos filósofos e moralistas das gerações precedentes que os aconselhavam a abominar “as coisas”, ele e seus colegas adoravam as técnicas e os objetos de consumo, até então deixados de lado pela Ciência. Para ele, já teriam sido construídos vários mitos contando como o sujeito constrói o objeto, mas nenhum deles contava como o objeto também constrói o sujeito. Por essa razão, essa concepção deveria ser superada, tendo em vista que os não-humanos possuem propriedades miraculosas, pois “são ao mesmo tempo sociais e não-sociais, produtores de naturezas e construtores de sujeitos” (LATOURE, 2013, p. 110).

É importante pontuar que essa crítica de Latour se relaciona diretamente ao modo como a teoria social foi construída na sociologia tradicional de Durkheim. Para ele, esse modo de fazer ciência vinha acompanhado por várias falhas. Destarte, para que possamos entender melhor o pensamento de Latour, convém nos questionarmos: de onde ele parte? De quais conceitos se apropria? Em quais autores ele busca inspiração?

Em uma entrevista⁴ concedida a Marcelo Fiorini, por exemplo, ao ser questionado como a sua obra se apresenta, no sentido de propor uma nova forma de sociologia que se diferencia da sociologia tradicional, o próprio Latour afirma que a sociologia que utiliza descreve as associações. Ele denomina de “rede de atores” a sociologia “divergente” que constrói e que se apresenta como uma alternativa à sociologia durkheimiana. O autor assume ainda que muitas das ideias que propõe já haviam sido postuladas pelo sociólogo, filósofo e psicólogo francês Gabriel Tarde, há mais de cem anos. Portanto, embora pareçam muito inovadoras, Latour considera que a raiz do seu pensamento teórico já fazia parte dos primórdios da sociologia:

Aqueles que gostam de fazer remontar uma disciplina a um ancestral venerável precisam levar em conta que essa distinção entre duas maneiras diversas de entender os deveres da ciência social não é absolutamente nova. Já estava a postos durante o nascimento da disciplina (pelo menos na França), quando ocorreu a disputa entre o velho Gabriel Tarde e Emile Durkheim, o vencedor. Tarde sempre se queixou de que Durkheim abandonasse a tarefa de explicar a sociedade ao confundir causa e efeito, substituindo a compreensão do vínculo

⁴ <https://revistacult.uol.com.br/home/entrevista-bruno-latour/> (Acesso em abril de 2021).

social por um projeto político voltado para a engenharia social. Contra seu jovem adversário, ele sustentou veementemente que o social não era um domínio especial da realidade, e sim um princípio de conexões; que não havia motivo para separar o "social" de outras associações como os organismos biológicos ou mesmo os átomos. (LATOUR, 2012, p. 33)

Marras (2007) relembra que Gabriel Tarde, em seus estudos, se recusou a começar sempre partindo do social, pois, ao contrário de Durkheim, ele não tratava os fatos sociais como coisas, mas sim todas as coisas como sociedade. Isso implica dizer que sua compreensão da atividade sociológica não era exclusividade da atividade humana, mas ia além e envolvia outras dinâmicas, processos e seres não-humanos.

Assim como resume Pastor (2019, p. 270), para Tarde, "o social se coloca como aquilo que deve ser explicado, e não como conjunto explicativo". Além disso, na sua concepção toda coisa é uma sociedade, enquanto para Durkheim todos os fatos sociais são coisas. Tal fundamento não se trata apenas de uma inversão de palavras e frases, mas reflete em propostas sociológicas distintas, que no final do século XIX e no início do processo de constituição da disciplina entraram em um embate acirrado dentro das Ciências Sociais.

Naquela época, conforme aponta Pastor (2019), tanto Durkheim quanto Tarde, mesmo que de maneira diferente, tentavam delimitar o que seria o fazer sociológico. Entretanto, enquanto Durkheim entrou para a história como o fundador da sociologia, tendo suas ideias amplamente disseminadas na construção de uma perspectiva comum do "social"; o papel de Tarde foi minimizado, sendo este lembrado apenas como um mero precursor da disciplina.

Latour (2012, p. 34) considera que o fato de as ideias de Tarde terem sido completamente suplantadas pelos sociólogos do social, a ponto de entrarem em esquecimento por mais de um século, não significa dizer que Tarde estava errado. Tanto é que anos e anos depois, ele é resgatado e se torna "um precursor alternativo para uma teoria social alternativa". Dessa forma, Latour chega inclusive a afirmar que Tarde "pode ser considerado um precursor da ANT" (LATOUR, 2012, p. 35).

É na máxima de Gabriel Tarde, de que uma sociedade é sempre uma associação, que Latour desperta para abrir mão de explicações macro e métodos totalizantes, generalizáveis, e se interessa por percorrer caminhos diferentes, "compreendendo a vida social não como força estável explicativa, mas como

diferenças que devem ser explicadas e se configuram em relações infinitesimais” (PASTOR, 2019, p. 270). Em outras palavras, é propondo uma “sociologia da associação” de Tarde, contra a “sociologia do social” de Durkheim, que Latour proclama um renascimento desta disciplina:

Tendo como grande influência a microsociologia de Tarde, a filosofia de Étienne Souriau e o pragmatismo de William James, Bruno Latour defende o que ele chama de uma “filosofia empírica” ou “antropologia filosófica”, envolvendo-se, em um emaranhado sociológico/metafísico/antropológico em torno dos modos de existência dos modernos. Apoiando-se na lógica social tardiana, na qual a diferença vai diferindo, Latour busca descrever - filosófica e etnograficamente - os diferentes modos de ser que mantém a subsistência do ser-enquanto-outro. Nesta investigação sobre as alteridades próprias dos modernos, Latour mantém como metalinguagem o modo de rede (PASTOR, 2019, p. 277).

No que diz respeito à incorporação do que não é humano nas análises sociais, Tarde, muito antes de Latour, já apontava sobre a importância de nos afastarmos de um “preconceito antropocêntrico” (TARDE, 2007, p. 76 *apud* PASTOR, 2019). Essa consideração, feita ainda no século XIX, visava “evitar uma purificação entre sociedade e natureza e, portanto, de maneira oposta àquela defendida por Durkheim, expandir a diversidade e pensar o social para além de uma realidade humana fechada” (PASTOR, 2019, p. 273).

Então, indo por um caminho semelhante ao de Tarde, Latour e os demais estudiosos da ciência e da tecnologia, ao invés de desprezarem os objetos, começaram a perceber as técnicas, não como novas ou modernas, no sentido mais banal da palavra, mas sim como coisas que, desde sempre, fizeram parte do nosso mundo. Nesse sentido, estava chegando a hora de voltar a falar em democracia, “mas de uma democracia estendida às coisas em si”. (LATOUR, 2013, p. 140).

É, portanto, diante desse contexto, que Latour e seus colegas buscam ampliar a lista de atores e o horizonte da análise do mundo social, apontando assim para “um fio de Ariadne”, que os permitiria passar continuamente do local ao global, do humano ao não-humano. E isso só seria possível através de uma análise da rede de práticas e de instrumentos, de documentos e traduções. Essa forma totalmente inovadora no modo de perceber o mundo social lança as bases para uma das contribuições mais importantes dadas por Latour e seus colegas à Ciência: a *Actor-Network Theory* (ANT)

ou Teoria do Ator-Rede.

De acordo com Schmitt (2011), a Teoria do Ator-Rede foi desenvolvida a partir do final dos anos 1970, por autores como Law, Latour, Callon, entre outros, sobretudo através de análises voltadas à ciência e à tecnologia. O ponto de partida de análise dos autores identificados com esta abordagem, não é a ordem instituída, “mas sim, os processos plurais e incompletos através dos quais a ordem é construída. Trata-se, aqui, nas palavras de Law, de uma sociologia de verbos e não de uma sociologia de nomes” (SCHMITT, 2011, p. 93).

Para Wilkinson (2004, p. 2), muitas vezes, a ANT é considerada como uma metodologia, ao invés de uma teoria, “é mais um pincel, do que a paisagem que ele pinta”, mas, na prática ela alcançou o estatuto de uma teoria, “quer pelas ambições do seu método (abolição do pensamento dualístico), quer pela sua re-conceitualização sistemática de práticas de pesquisa, que envolvem uma nomenclatura extensa e original” (IBIDEM). Queiroz e Melo (2008, p. 258), também consideram que a ANT se constitui como valioso instrumento conceitual e prático para seguir os movimentos traçados nesta construção simultânea de homens e objetos, na qual “materialidade e socialidade se mesclam”.

Logo no início do livro “Reagregando o Social”, Latour (2012) demonstra porque o social não pode ser construído como uma espécie de material ou domínio, e, com isso ele assume a tarefa de fornecer uma explicação social de algum outro estado de coisas. Para ele: “o social parece diluído por toda parte e por nenhuma em particular” (p. 19), pois, na maioria dos casos, o social é concebido como uma força externa ou uma presença oculta que se impõe sobre todos os outros domínios da vida. Isso faz com que alguns sociólogos imaginem que o social está sempre à sua disposição ou que ele é a medida comum de todas as coisas, mas na perspectiva do autor francês, o social não é nunca uma coisa visível ou postulável. Nesse sentido, ele pretende formular uma visão alternativa e tirar da sociologia a “segurança da imutabilidade de seu objeto de estudo, bem como as fórmulas que se deve entregar para melhor explicá-lo” (LATOURE, 2012, p. 13).

É por esse motivo, buscando redefinir uma nova perspectiva metodológica para abordar o social, que diferentemente da Sociologia do Social, ele propõe uma Sociologia das Associações. Considerando o social não como uma “cola que pode fixar tudo”, mas sim como um movimento de reassociação e reagregação, atentando

sempre para o modo como tudo se conecta.

Para ele, o social é aquilo que não possui qualquer substância *a priori*, é um fenômeno que emerge na prática e na imanência, é movimento, é translação, é associação momentânea, não é algo transcendental ou uma coisa que se pode apontar com o dedo. O social não é fixo, ele é fluido, é uma interação, não é uma força oculta e externa que nos domina, sendo assim, a diferença fundamental da abordagem de Latour para as demais abordagens dos sociólogos do social, é que: “se o social permanece estável e consegue justificar um estado de coisas, não é ANT” (LATOURE, 2012, p. 30).

Latour (2012) chama ainda a nossa atenção para que possamos perceber que o modo pelo qual a Ciência foi construída limita o social ao humano e, por vezes, esquecemos que a esfera social é bem mais ampla que isso. Para a ANT, nem a sociedade, nem o social existem, **elas acontecem!** E ambas precisam ser constantemente retraçadas por meio de mudanças na conexão de recursos não sociais.

Fazer ANT, metodologicamente falando, significa também seguir as coisas através de redes em que elas se transportam, descrevendo-as em seus enredos. É preciso estudá-las, não a partir dos polos dicotômicos da natureza ou da sociedade, mas sim simetricamente, entre um e o outro polo. Sendo assim, o trabalho do cientista deve ser sempre pelo caminho do meio ou do centro, transitando sempre entre os dois polos, tanto o da natureza, como o da sociedade ou cultura, pois ambos requerem uma explicação conjunta.

Na ANT, o social é visto também como uma rede heterogênea, que tem como principal característica a transformação e que “funciona como uma ferramenta que permite seguir determinadas cadeias de tradução” (SCHMITT, 2011, p. 94). Essa rede mobiliza ainda, homens e coisas, constituída de humanos e não-humanos e ambos devem ser considerados na análise.

Como bem aponta Wilkinson (2004), a ANT se mostra particularmente equipada para responder complexas questões de pesquisa, porque além de desafiar o dualismo micro-macro, o seu princípio de “simetria” atribui um novo status às “coisas”, e o seu conceito e rede permite recolocar as noções de proximidade e de “ação à distância”.

Em “Jamais fomos modernos”, Latour (2013, p. 9) já afirmava que a noção de rede é “mais flexível que a noção de sistema, mais histórica que a noção de estrutura, mais empírica que a de complexidade, a rede é o fio de Ariadne destas histórias

confusas”. Por isso, torna-se importante seguir as coisas através das redes em que elas se transportam e descrevê-las em seu enredo. Essa é também uma das principais ideias-chave do pensamento de Latour.

Destarte, a ação, tanto dos “humanos” como dos “não-humanos” é uma propriedade emergente das redes, “que humanizam aquilo que chamamos de objetos e coisificam o que chamamos de seres humanos, dando origem a inúmeros híbridos dificilmente classificáveis, seja no mundo das pessoas, seja no mundo das coisas” (SCHMITT, 2011, p. 95).

Cabe destacar ainda que a importância dada aos não-humanos na ANT é muito interessante, pois Latour (2012) não considera como atores sociais apenas os humanos, mas sim, tudo aquilo que age, deixa traço e produz efeito no mundo. Sendo assim, os quase-objetos também traçam redes e por isso “as coisas também têm direito à dignidade de serem textos” (LATOURE, 2013, p. 89).

Essa preocupação do autor com os não-humanos não é recente, pois em 1987, ele já havia publicado um trabalho com a primatóloga Shirley Strum (*Redefining the social link: from baboons to humans*), no qual ambos defendem a ideia de que as nossas relações são constituídas através das coisas e, por isso, elas são de extrema importância e devem ser consideradas nas análises sociais. A hipótese dos autores é a de que sem as coisas, seria difícil construir e manter as relações sociais. Para exemplificar essa afirmação, eles utilizam o exemplo dos babuínos, que tem recursos limitados para reparar sua ordem social e por isso estão constantemente negociando e transformando o elo social. A estabilidade deles seria, portanto, limitada, pois de acordo com os pesquisadores, uma maior estabilidade só poderia ser adquirida com recursos adicionais, tais como recursos materiais e símbolos. Nesse sentido, o que Latour e Strum (1987) querem demonstrar é que para os humanos, diferente dos babuínos, as técnicas e os objetos entram como recursos para as ligações sociais. O fato de as sociedades humanas serem mediadas pelas coisas faz os autores concluir que as tecnologias podem ser apontadas como elementos fundamentais que são capazes de tornar as sociedades humanas duráveis.

Cabe ressaltar, no entanto, que embora tenha sofrido duras críticas a esse respeito, a ANT não alega que os objetos fazem coisas no lugar dos atores humanos, nem que Latour e seus colegas esqueceram do “Ser”. A ANT diz apenas que “reais como a natureza, coletivas como a sociedade, narradas como o discurso e existenciais

como o Ser, tais são os quase-objetos” (LATOURE, 2012, p. 109). E é assim que nos convém segui-los, pois, nenhuma ciência do social pode existir se “a questão de o quê e quem participa da ação não for logo de início plenamente explorada, embora isso signifique descartar elementos que, à falta de termo melhor, chamaríamos de não-humanos” (LATOURE, 2012, p. 109).

A ANT busca demonstrar também que nós nunca estamos sós ao atuar, pois as coisas também têm agência e atuam junto conosco no processo de constituição da sociedade. “Os elementos do mundo material não são apenas mobilizados pelos seres humanos, mas participam, efetivamente, da ação” (SCHMITT, 2001, p. 94). Nesse sentido, as associações não podem contemplar apenas o mundo social, mas também todas as coisas que fazem parte dele. As coisas é que fazem a rede entre humanos e não-humanos, ela é necessária para que se possa estabelecer o relacionamento social, e por isso que ela é denominada por ele de “rede socio-técnica”. Embora os quase-objetos não tenham intencionalidade, eles agem, transformam e são, portanto, coparticipes das ações.

Dentro da perspectiva da ANT, o ator não é a fonte da ação, mas um alvo móvel e a ação é um enigma tanto para os atores, quanto para os cientistas. O social é algo em construção e não sabemos nunca, com total certeza, do que o mundo é feito ou quem ou o que nos leva a agir, pois as associações estão sempre se redefinindo e sendo modificadas. Assim como afirma Teixeira (2001, p. 267), a produção científica de Latour se apoia “em relatos minuciosos para levar a cabo seu objetivo de tratar a ciência do modo como ela acontece, como uma sucessão não-linear de práticas socio-técnicas”.

Sendo assim, o papel do cientista social não deveria ser o de restringir os atores ao papel de informantes, como tem sido feito por muito tempo, mas sim o de devolver aos atores a capacidade de elaborar suas próprias teorias sobre a constituição do mundo social, pois estes são reflexivos e monitoram as suas ações. Nesse sentido, a principal tarefa dos sociólogos deve ser a de “seguir os próprios atores” em seu entrelaçamento com as coisas, pois estas também agem, ou seja, devemos:

tentar entender suas inovações frequentemente bizarras, a fim de descobrir o que a existência coletiva se tornou em suas mãos, que métodos elaboraram para sua adequação, quais definições esclareceriam melhor as novas associações que eles se viram forçados a estabelecer. (LATOURE, 2012, p.31)

É relevante destacar que na ANT cabe aos atores e não ao analista, definir e ordenar o social. Por esse motivo, o sociólogo deve buscar sempre rastrear conexões, registrar vínculos entre as próprias controvérsias e não tentar resolvê-las, o que nas palavras do autor se reflete em um conselho básico: “siga os atores enquanto enveredam pelo meio das coisas que acrescentam às habilidades sociais para tornar mais duráveis as interações em perpétua mudança” (LATOUR, 2012, p. 104).

Diferente dos sociólogos do social, que consideram os agregados sociais como realidades já constituídas ou que enquadram os atores em grupos já pré-determinados, a ANT se baseia no fato de que não existem grupos, mas apenas formação de grupos. Nesse sentido, ao invés de se preocupar em estabelecer um grupo definido, é mais interessante atentar para as controvérsias em torno da formação dos grupos, pois “elas deixam muito mais traços em sua esteira do que as conexões já estabelecidas” (LATOUR, 2012, p. 54). Enquanto para os sociólogos do social a ordem é a regra, a mudança e a criação são exceções, para a sociologia das associações as controvérsias devem ser mapeadas para que se possa identificar as maneiras pelas quais os agregados sociais são constantemente evocados, suprimidos, distribuídos e reinstalados.

Dessa forma, ao buscar ver os rastros que os movimentos em associações vão deixando, a ANT visa fugir da tarefa de disciplinar os atores ou enquadrá-los em categorias já pré-estabelecidas. Ao contrário, ela pretende deixar com que os atores se atenham aos seus próprios mundos e só então se pedirá explicação sobre o modo como os estabeleceram.

Contudo, na visão de Mendes (2010, p. 447), a abordagem de Latour falha ao deixar de fora das redes sociais todos os indivíduos “irrecuperáveis e descartáveis”, que são aqueles que não criam ou não possuem valor “na perspectiva hegemônica e que, por conseguinte, não são construídos como portadores de direitos sociais e políticos, tornando-se invisíveis e ausentes das análises convencionais propostas pela teoria do ator-rede”.

Um dos exemplos dados por Mendes (2010) é o das pessoas em situação de rua, que são desprovidas de positivities ou materialidades significativas e não participam diretamente de nenhuma rede socio-técnica relevante e, por isso, não fariam parte do conjunto de observações apreensíveis pelos cientistas sociais que se guiam pela abordagem da ANT. Portanto, ao enunciar alguns limites de narrativas e reflexões

sobre aqueles que não estão inseridos em redes e agenciamentos socio-técnicos, Mendes (2010) nos alerta para o fato de não condenarmos ao silêncio, às pessoas e os grupos que ele caracteriza como “descartáveis” ou “invisíveis”.

Considerações finais

Conforme foi demonstrado é ao propor uma nova teoria social centrada nos Estudos Sociais da Ciência que Latour visa romper com antigas dicotômicas e com a forma pela qual o conhecimento científico tem sido construído ao longo dos anos. A partir de uma perspectiva microssocial, a abordagem trazida por este autor é inovadora, pois faz com que os objetos da ciência e da tecnologia se tornem simétricos e compatíveis socialmente, trazendo consigo um olhar apurado sobre as materialidades, até então, desprezadas pelas Ciências Sociais e também propondo um novo método de não enquadrar as coisas e o mundo social nas teorias, mas sim ver os seus processos.

Assim como foi discutido através da sua obra “Jamais fomos modernos”, Latour tece críticas à assimetria e separação entre o mundo natural e o social, provocada pela modernidade e tenta demonstrar que a modernidade nunca existiu na prática, pois ao invés de separar, ela hibridiza. Em consequência disso, é propondo um possível reestabelecimento da unidade do pensamento científico, que ele redefine o objeto da Sociologia da Ciência e acredita ser possível dar conta dos híbridos, até então, negligenciados como objeto de estudo.

Através de sua teoria, o autor demonstra de maneira bem clara que os objetos existem, mas não são alvo do pensamento científico. Dessa forma, ao introduzir o mundo dos objetos no nosso campo de investigação e ao pensar nas relações sociais envolvendo as coisas, Latour inclui na perspectiva teórica das Ciências Sociais os não-humanos, até então, negligenciados cientificamente. Esse ponto de partida dado por ele, nos permite um novo modo de enxergar as coisas e os objetos, sendo estes, não mais meros elementos superficiais, mas sim, algo que nos constitui e que é indispensável no processo de formação do nosso elo social, pois ao criarmos as coisas e nos relacionarmos com elas, elas também nos criam.

Destarte, ao romper com dicotomias, Latour busca não só superar a oposição entre Ciências Naturais e Ciências Sociais, ou entre natureza e sociedade, mas também entre seres humanos e não-humanos, dando importância às coisas, aos

híbridos e aos quase-objetos que, por sua vez, começam a se apresentar à teoria social de uma maneira nova, que sem dúvidas, balança as bases da antropologia. Como bem definem Queiroz e Melo (2008, p. 267): “ele é o próprio híbrido produzido a partir das inúmeras traduções que foi operando sobre ideias que mantém ou com aquelas das quais diverge. É nessa tensão que se produz a originalidade de seu pensamento”.

Tomando como base o livro “Reagregando o Social”, complementamos o nosso entendimento sobre as pretensões de Latour, pois a ANT nos ajuda a entender melhor suas ideias e também nos permite pensar de maneira menos egocêntrica-antropocêntrica, pois vai além de nós humanos, tendo em vista que o mundo social da ANT é um mundo permeado por objetos e coisas.

Latour consegue demonstrar de uma maneira bastante interessante que nós também usamos os objetos para cumprir e fortalecer as relações sociais, sendo assim, eles não são só meros acessórios, nem apenas simbolizam e comunicam, mas também agem e sustentam a sociedade. É a circulação das coisas que cria as relações e consequentemente, a sociedade. Como bem aponta Wilkinson (2004), as coisas assumem um papel estratégico na construção, expansão e também na durabilidade das redes e dos componentes básicos do social.

Eis uma das maiores contribuições de Latour: demonstrar que as coisas têm agência, mas não tem intencionalidade, são atores, estão conosco no palco. Ao trazer os não-humanos para o centro do debate sociológico e também ao enxergá-los como co-partícipes das ações, ele torna a sociologia menos antropocêntrica e postula que os mesmos são atores plenos de direitos. No entanto, cabe destacar que a ANT é uma tentativa de dar espaço aos membros da sociedade para definirem a si próprios e não de serem definidos previamente pelos cientistas sociais.

O que se percebe é que a abordagem da ANT não reduz a antropologia aos territórios, mas segue as redes, nos fazendo enxergar um novo social, não como algo estático, que já está dado e nos transcende, mas como algo que se associa, que está em constante fluidez e movimentação. As relações são construídas de maneira provisória, temporária, por isso devemos segui-las e ver o que elas nos informam. Todavia, fazer ciências sociais no estilo ANT não é uma tarefa fácil, pois é ter sempre a incerteza quanto à natureza dos grupos, da ação, das coisas, dos fatos sobre o modo de conhecer e escrever sobre o social.

Convém, entretanto, destacar que, mesmo diante das inúmeras inovações teóricas propostas por Latour para as Ciências Sociais, não podemos deixar de lado algumas críticas à sua perspectiva metodológica que se fazem pertinentes em alguns debates acadêmicos. Walsham (1997), por exemplo, resume em quatro pontos principais o que considera como as principais falhas da ANT: a) uma análise limitada das estruturas sociais; b) uma postura amoral ao negligenciar questões de cunho político e moral; c) uma falha ao considerar a distinção analítica entre humanos e não humanos; d) possíveis problemas a respeito de como seguir as entidades numa análise das redes.

Já para Mendes (2010, p. 448), o que está ausente no quadro analítico da ANT é uma atenção voltada às emoções envolvidas na ação, às fragilidades e às vulnerabilidades constituintes dos laços que tecemos uns com os outros, deixando de fora das redes sociais todos os que não criam ou não possuem valor na perspectiva hegemônica. Nesse sentido, as estratégias analíticas da ANT, “omitem ou esquecem os não-ditos, os silêncios, as ausências, o trabalho urdido nos interstícios das redes para ser e fazer valer”. E para tanto seria necessário um outro tipo trabalho baseado no cuidado e na gestão das emoções, para além das redes e das lógicas de poder.

Mendes (IBIDEM) aponta ainda que a corrente analítica proposta por Latour e seus colegas, ao enfatizarem o componente socio-material e a simetria dos atores, subestima “a importância da ordenação dos fatos pelas narrativas e o papel da imaginação emocional”. Isso faz com que as pessoas e os grupos “descartáveis” que ficam fora das redes e dos agenciamentos socio-técnicos, sejam, portanto, remetidas ao silêncio e à invisibilidade. Por isso, como bem sugere o autor, torna-se importante incluir nas nossas pesquisas, aqueles que se definem pelo seu desenraizamento e pelo seu afastamento do espaço público.

Por fim, convém pontuar que as possibilidades de discussão acerca desse tema não se encerram neste artigo, tendo isso em mente, fica lançado o desafio para que possíveis críticas e discussões sejam suscitadas posteriormente e que sirvam de combustível para novas leituras sobre Latour, como também para um mergulho mais profundo no seu complexo mar teórico.

Referências

- BACHUR, J. P. Assimetrias da antropologia simétrica de Bruno Latour. *Rev. bras. Ci. Soc.*, v. 31, n. 92, p. 1-21, 2016.
- LATOUR, B. Por uma antropologia do centro. *Mana*, v.10, n. 2, p. 397-413, 2004.
- LATOUR, B. **Reagregando o social: uma introdução à teoria do ator-rede**. Salvador: EDUFBA-Edusc, 2012.
- LATOUR, B. **Jamais fomos modernos: ensaio de antropologia simétrica**. São Paulo: Editora 34, 2013.
- MARRAS, S. Tarde reconquistado. *Novos estud. - CEBRAP*, n. 78, p. 221-231, 2007.
- MENDES, J. M. O. Pessoas sem voz, redes indizíveis e grupos descartáveis: os limites da teoria do actor-rede. *Análise Social*, v. XLV, n. 196, p. 447-465, 2010.
- PASTOR, L. Das mônadas às redes: o resgate de um social associativo para a Sociologia Digital. *Plural*, v. 26, n. 1, p. 266-288, 2019.
- QUEIROZ E MELO, M. F. Mas de onde vem o Latour? *Pesquisas e Práticas psicossociais*, v. 2, n. 2, p. 258-28, 2008.
- STRUM, S. S.; LATOUR, B. Redefining the social link: from baboons to humans. *Social Science Information*, v. 26, n. 4, p. 783-802, 1987.
- SCHMITT, C. J. Redes, atores e desenvolvimento rural: perspectivas na construção de uma abordagem relacional. *Sociologias*, v. 13, n. 27, p. 82-112, 2011.
- TEIXEIRA, M. O. A ciência em ação: seguindo Bruno Latour. *Hist. cienc. saúde-Manguinhos*, v. 8, n. 1, p. 265-272, 2001.
- VELHO, O. Comentários sobre um texto de Bruno Latour. *Mana*, v. 11, n. 1, p. 297-310, 2005.
- WALSHAM, G. Actor-network theory and IS research: current status and future prospects. In: LEE, A.; LIEBENAU, J.; DEGROSS, J. (Orgs.). **Information systems and qualitative research**. London: Chapman and Hall, 1997.
- WILKINSON, J. **Redes, convenções e economia política: de atrito à convivência**. Paper apresentado no XXVIII Encontro Anual da ANPOCS, no seminário temático “Análise sociológica dos fenômenos econômicos”, 2004.

Recebido: 23 Jun 2020

Aceito: 17 Abri 2021